

HISTÓRIAS
que merecem ser contadas 

HISTÓRIAS

que merecem ser contadas

MACK LÉO PEDROSO

Diretor-geral do Câmpus Sapucaia do Sul

CARLOS ALEXANDRE WURZEL

Diretor Adjunto

FABIO ROBERTO MORAES LEMES

Chefe do Departamento de Ensino

GUILHERME REICHWALD JR

Coordenador do Curso de Administração

SUZANA TREVISAN

Organizadora e Editora

MARLON EDUARDO MORSCHER

LISIANE CORRÊA GOMES SILVEIRA

PA TRÍCIA KOSCHIER BUSS STRELOW

Programação Visual



Curso Técnico em
Administração



**INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**
Sul-rio-grandense

APRESENTAÇÃO

Sobre a caminhada do projeto:

O projeto Histórias que Merecem ser Contadas está se afirmando a cada novo semestre do Curso Técnico Integrado em Administração- modalidade PROEJA- do Instituto Federal Sul-rio-grandense, Câmpus Sapucaia do Sul. Esta é a sua quinta edição e alegra-me o fato de que o conhecimento construído em sala de aula pode ultrapassar os muros da instituição de ensino. Valorizar as experiências de vida, aprimorar as habilidades relacionadas à expressão escrita e aplicar o conhecimento linguístico em um contexto significativo são alguns dos objetivos que tivemos ao longo deste processo.

Com muito orgulho do nosso trabalho, convidote, leitor e leitora, a apreciar e interagir com nossa produção literária.

Professora Suzana Trevisan



SUMÁRIO

- 5 DA INFÂNCIA PARA VIDA
Fátima Eliane da Costa
- 6 VIAGEM, LÁGRIMAS E SAUDADE
Tatiana Lemes Duarte
- 7 PRINCESA
Gilnei Rodrigues
- 8 OS TRANSTORNOS DO RETORNO
Bruna Emeli Corrêa
- 9 ERA UMA VEZ
Luciana Cardoso da Silva
- 10 SEM LENÇO E SEM DOCUMENTO
Cristina Azeredo Pereira
- 11 UMA INFÂNCIA FELIZ
Claudia Pereira da Fonseca
- 12 AQUELE ANJO
Jefferson Ramos
- 13 SE UM DIA EU FALTAR
Suzete Luciana Cruz de Lima
- 14 UM NOVO COMEÇO
Paulo Cilas Antônio Batista
- 16 HISTÓRIA IMPROVISADA
Elizabeth Ribeiro Machado
- 17 O PRIMEIRO DIA DE CURSINHO
Lucas dos Santos Bomfim
- 18 MEU ANJO, MINHA INSPIRAÇÃO
Tatiane Rios de Souza
- 19 O SORRISO DE UMA CRIANÇA
Amanda Silva Queiroz
- 20 O SONHO QUE CUIDAMOS
Jacqueline Fátima Alves da Silva Freitas
- 22 MEU SEGUNDO FILHO, MIGUEL
Daniela Bítelo Cardoso
- 23 VIDA!
Jéssica Luana Terra Siste
- 24 O VESTIDO AZUL
Michele Borges Spadotto
- 25 A MUDANÇA
Rosângela Moraes
- 26 LAÇOS DE FAMÍLIA
Scheila da Luz
- 27 MEU PRIMEIRO DIA DE ESCOLA
Debora Regina Loureiro
- 28 UM DESPERTAR PARA NOVOS HORIZONTES
Marcia Regis Avelino Rios
- 29 AS BOTINHAS VERMELHAS DO TIO MÁRCIO
Maria de Lourdes Borges Spadotto
- 30 DA ESCOLA AO PASSADO
Zenir Figueira de Brun

DA INFÂNCIA PARA VIDA

Fui criada por meus avós no interior de São Francisco de Paula, serra gaúcha. Tinha por passa tempo andar a cavalo, comer fruta no pé e arrancar as espigas de milho verde para brincar de boneca.

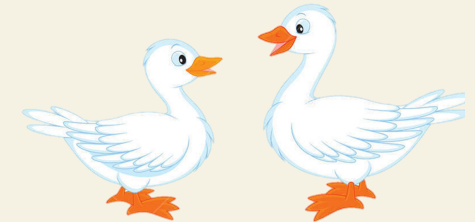
Certo dia estava sentada no pátio admirando os bichos, percebi que enquanto os pintinhos brincavam com o cisco e as minhocas, os patinhos estavam só na água. Exclamei: “Pobrezinhos! Não podem brincar porque têm os pés colados”. Então corri até a cozinha, peguei uma tesoura e cortei aquela pele que eles tinham entre os dedos que tanto os atrapalhava. Devo ter aleijado uns quinze patinhos, pelo menos.

Outra vez, estava vindo da escola que era longe, andava cerca de uma hora até chegar em casa. Encontrei no caminho um bicho enorme, lindo. Tirei meu casaquinho, enrolei no bicho e o arrastei até em casa. Estava contente, afinal havia feito uma captura e tanto. Gritei para minha vó: “Olhe só que bicho lindo que eu achei”, ela veio. Quando pôs os olhos no bicho, com ar de reprovação falou: “O que tu fez guria? Este ganso é do seu Avelino”.

Arregalei os olhos, coloquei sebo nas canelas, porém não adiantou. Ela me pegou e com uma vara de marmelo me levou até a casa do seu Avelino, me fez bater na porta, pedir desculpas e devolver o ganso. Lembro-me do que seu Avelino falou à minha vó: “Dona Celina, entendo que a senhora está ensinando sua neta, e isso é correto. Porém, não a castigue mais, isso é coisa de criança”.

Essas lembranças desenvolveram em mim valores para vida. Aprendi que não se deve pegar nada que é dos outros e, principalmente, aprendi a respeitar as diferenças.

Fátima Eliane da Costa



VIAGEM, LÁGRIMAS E SAUDADE

Tudo começou com uma oferta de emprego para meu esposo em São Paulo e juntos resolvemos aceitar. Tudo aconteceu muito rápido, quando vimos o dia chegou. A viagem foi feita de automóvel. Arrumamos nossas coisas, levamos apenas o essencial. Com certeza a pior parte foi a despedida, para minha mãe e eu, por sermos muito ligadas. Nunca tinha ficado tão longe dela.

Partirmos para a estrada, com destino à cidade Paulo de Faria, uma cidadezinha no interior de São Paulo. Foi uma viagem cansativa de 36 horas. Devo assumir eu não fui uma boa companheira de viagem porque na maioria das vezes estava dormindo ou chorando. Nossa, como chorei, chorei pra caramba!

Não via a hora de chegar na cidade. Pegamos uma estrada em que a única vista que tínhamos era de plantação de cana-de-açúcar. Fiquei apavorada, em algum momento o GPS nos dava as coordenadas e andávamos em círculo. Nesta hora, meu esposo também se apavorou.

Em um dos muitos postos de combustíveis, paramos. Meu esposo desceu para pedir informações e eu aproveitei para fazer uma ligação para minha mãe e, para variar, chorei ao ouvir a voz dela. Ela me perguntou se faltava muito para chegar, respondi em prantos: “-Mãe, não sei onde estou!” Quando me dei conta, estavam os frentistas olhando para dentro do carro

com olhares desconfiados, acho que pensaram que se tratava de um sequestro.

Chegando na tal cidade, pequena, muito bem conservada de uma limpeza impecável, pessoas sentadas nas calçadas, tomando cerveja... e como gostam de cerveja. Um sotaque diferente, chegava a ser engraçado. Nos receberam muito bem, começaram a nos chamar de “o gaúcho e a gaúcha”, bem propício, não? Ainda bem que faço amizades facilmente. Conheci muitas pessoas legais.

Permaneci em Paulo de Faria durante cinco meses, na maior parte do tempo ficava eu e meu filho que na época tinha 3 anos, já que meu esposo trabalhava muito. Fui descobrindo a



Continua...

beleza da cidade, não tinha muita coisa pra se descobrir sendo que a cidade toda é menor que muitos bairros de Sapucaia do Sul. Lembro da praça, muito bem iluminada com uma linda igreja, rodeada com muito verde, as sorveterias (podemos dizer que era o local de encontro da gurizada). O lugar que mais frequentava era o mercado, onde fiz amizades com moças que trabalhavam lá, muitas vezes nem era pra comprar e sim pra bater papo.

Os dias se passavam e a saudade aumentava. Meu marido e eu decidimos que eu e nosso filho voltaríamos para casa. Não foi uma decisão fácil, pois ele tinha que permanecer, pois faltava um certo tempo para acabar a obra em que ele fazia parte como almoxarife. Mais uma despedida, mais lágrimas, um misto de tristeza e felicidade, pois não via a hora de rever minha mãe e todos meus familiares. Então, voltei, desta vez a viagem foi feita de avião. Devo confessar que não teve a mesma emoção quanto a de carro.

Foi um grande aprendizado, aprendi a dar valor aos momentos em família e com amigos, amar ainda mais o Rio Grande do Sul e a não reclamar do frio. Senti falta dele, já que fazia um calor escaldante. Sinto falta das pessoas de lá, todos os momentos guardo com carinho.

Tatiana Lemes Duarte

PRINCESA

Um lindo presente que o Senhor nos deu,
Um rico Anjo que caiu do céu.
Com um olhar cativante
e um sorriso brilhante
Que cativa todos
em apenas um instante.
Delicada nem tanto, mas tão carinhosa
Que chega ser um espanto.
Beijo, carinhos, amasso e muitos abraços
Que são distribuídos para os mais próximos.
Ela nos ensina a cada dia que passa
O verdadeiro amor que nunca acaba.
Minha filha querida que nos mostra
O verdadeiro amor da vida.
Te amo para todo sempre,
Minha querida Isa.



Gilnei Rodrigues



OS TRANSTORNOS DO RETORNO

Há pouco tempo voltei a trabalhar, por volta de dois meses atrás. Eu sempre fui muito sentimental e medrosa e com esse retorno ao trabalho depois de ter um filho, os sentimentos afloram cada dia com maior intensidade. A cada momento que paro e penso no meu filho, meu coração aperta. Mas, como todos precisamos trabalhar, vou e não penso em desistir.

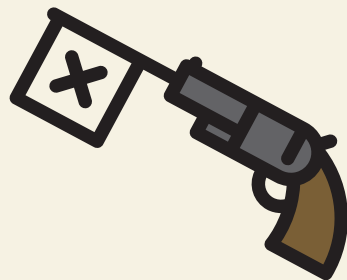
Trabalho em uma lotérica, onde nunca imaginei trabalhar e nesses dois meses já passei por duas situações pelas quais nunca havia passado: duas tentativas de assalto. A primeira devia fazer um mês que eu tinha começado a trabalhar. Um homem com o rosto tapado por um capacete estava armado, muito agitado, tentando efetuar disparos de arma de fogo. Sem sucesso e pedia o dinheiro dos caixas, mas não levou nada e fugiu.

Já a segunda tentativa aconteceu a alguns dias atrás. Dois “meninos” com os rostos tapados pelo capuz do casaco, armados, muito agitados e violentos, mandaram as pessoas deitarem no chão e começaram o “show de horrores”: chutavam vidros e porta, davam coronhadas nos vidros e mandavam abrir a porta. Meus colegas e eu estávamos no escritório, deitados no chão, rezando para que tudo acabasse logo. A cada chute que eles davam na porta a tensão e o medo só aumentava. Meu pensamento: “Se conseguirem entrar, estamos mortos, pois não abrimos a porta”. Enfim os chutes pararam e então pensamos: “Acabou”, mas não. Ainda não

havia acabado: ao saírem, efetuaram cinco disparos acertando apenas os vidros que são blindados, nos levando a um desespero ainda maior.

Saímos do escritório desesperados, buscando saber se havia alguém ferido. Graças a Deus ninguém se feriu. Mas me pergunto, até quando vamos passar por isso, será que esses assaltantes não pensam que somos VIDA, que temos uma família. Por que eles não tentam se colocar no nosso lugar? Até quando?

Bruna Emeli Corrêa



ERA UMA VEZ

Era uma vez... Ops! Esta história já foi contada. Então vou começar de novo...

Certo dia, uma mocinha que morava no interior conheceu um rapaz que passava por sua região a trabalho. Interessaram-se um pelo outro e começaram a namorar. Claro que se viam com uma frequência “intensa”, de 3 em 3 meses. Trabalhando na colheita, do arroz ou da soja, o rapaz não podia sair antes do término. O que fazia com que o namoro fosse espaçado por meses.

A moça, também de família humilde, trabalhava na lavoura com seu pai e irmãos. Quando chegava a época do namoro vir, ela pedia para ficar com os afazeres de casa, porque conseguia cuidar melhor de si mesma. Fazia as unhas, colocava seu melhor vestido e a sandália guardada para passeio.

Namoravam na sala, juntamente com seus 10 irmãos e respectivos namorados(as). E neste ritmo, entre namoro e noivado se passaram 8 anos até chegar a data do tão esperado casamento. Porém, pouco antes da data marcada, o pai da noiva, que lutava contra um câncer, faleceu. E o casório foi adiado. Por fim, em 26 de Março de 1976, casaram-se.

Não foram fáceis estes anos. Mas hoje estão com 39 anos de casados, 3 filhos e 5 netos. Eles venceram com honestidade, humildade, força de vontade e muito amor. Tenho muito orgulho de vocês, são meu exemplo de vida. Pai e Mãe: amo vocês.

Luciana Cardoso da Silva



SEM LENÇO E SEM DOCUMENTO

Tem coisas que acontecem na vida da gente que merecem ser contadas.

Nunca fiquei longe dos meus pais. Casei-me em um dia e no outro estava morando no interior da Bahia, numa cidade pequena chamada Brumado. Lá tudo era diferente, costumes, vestes, alimentação, por isso já estava entrando em depressão. Foi quando meu marido, que era caminhoneiro, resolveu me levar para viajar com ele.

Com o caminhão carregado de madeira, saímos com destino a uma cidade do interior de Pernambuco. Chegando lá, meu esposo me pediu para ir ao banco. prontamente fui.

Tomiei um moto taxi, único meio de transporte da cidade, em direção ao centro. Foi aí que tudo começou. Ao chegar ao banco, liberei o motoqueiro. Sai do banco, fiz umas compras que precisava e chamei outro moto taxi para voltar. Quando o motoqueiro me perguntou para onde eu ia,

me bateu o pavor. Não sabia onde estava, não existia celular e não sabia voltar. A única coisa que eu sabia, era que meu esposo me aguardava em alguma madeireira da cidade, longe dali. O senhor me disse:

“Pode se acalmar senhora, vamos achar onde seu esposo está”.

Quando ele começou a andar, passava por lugares desertos e descampados, então pensei: é hoje que vou morrer. Não sabia com quem estava lidando, mas existem pessoas muito boas e muito receptivas.

Depois de ter me levado em várias madeireiras na cidade, com muita alegria, encontrei meu esposo.

Agradecemos ao motorista que disse apenas ter feito o seu trabalho, mas demos boas risadas juntos e ele disse que nunca iria esquecer o meu rosto de pavor, quando eu

não sabia onde estava.

Cristina Azevedo Pereira



UMA INFÂNCIA FELIZ



Minha história fala de sensações e momentos bons que adoro relembrar. São lembranças, que ao fechar meus olhos, o estado de satisfação é tão grande que por alguns instantes chego a pensar que estou vivenciando tudo novamente.

Lembro-me de ficar na janela olhando a neve caindo, de ver minha avó a cuidar de seu jardim perfumado e do pássaro colorido e falante do vizinho.

Passando algum tempo, já mais crescida, estou de tranças longas e de avental xadrezinho, nas cores branco com vermelho, pronta para tirar aquela fotografia ridícula do primeiro ano escolar.

Após as aulas, já em casa, o lanche pronto a me esperar. Chego a sentir o gosto do pão de quarto de quilo, que, depois de cortado em fatias, recebia uma fina camada de margarina e por cima desta, para dar o sabor final, o açúcar cristal não podia faltar.

Não posso esquecer de citar a bebidinha, um KiSuco que era uma tintura pura. Este deixava meus dedos tingidos por vários dias depois do preparo. O chocolate em formato de guarda-chuva, o sorvete seco, a teta de nega e a Mirabel eram as gostosuras que ganhava como recompensa do meu bom comportamento.

As brincadeiras de final de tarde eram de pular corda, de andar de perna de pau, de jogar bolita e de

bambolê (por causa deste fiquei com torcicolo por uma semana). Para sair da realidade, amarrava uma toalha no pescoço, pegava as botas de salto da minha genitora e me transformava, com rodopios rápidos, na mulher maravilha.

As férias eram no interior, na casa dos sogros da minha tia. Para mim, toda aquela caminhada de horas era uma grande aventura, pois desbravava campos e cruzava pinguelas carregando em minhas mãos uma varinha que fingia ser mágica. Com esta, adquiria super poderes que me ajudavam a espantar as cobras, porque poderia encontrar no decorrer do caminho.

No dia-a-dia, recordo da minha mãe correndo atrás do ônibus ainda de madrugada. Usava uns tamancos de madeira que, devido ao barulho, por onde passava ia aticando os cachorros e acordando todo mundo (esta cena se repetia, geralmente, duas vezes por semana e era muito engraçada).

A euforia era grande quando nos reuníamos nas reuniões dançantes. Eram feitas nas garagens e os hits do momento eram Madona, Cazusa, Titãs, Legião Urbana, os Menudos e grupo É o Tchan.

O tempo passou e eu cresci, mas sempre que posso revivo as lembranças daquela menina de pernas finas, joelhos ralados e de olhos brilhantes que teve, com certeza, uma infância feliz.

Clandia Pereira da Fonseca



AQUELE ANJO

Pra mim, era um dia como qualquer outro. Trabalhava no turno da tarde das 14h00min às 22h35min. Antes de chegar ao meu trabalho, minha moto entra na reserva de gasolina, mas eu só iria abastecer no dia seguinte devido ao horário que ia soltar. Minhas atividades foram normais durante o período. Diariamente estava fazendo serão até às 2:00 da madrugada.

Aquele dia, algo soava estranho. Meu supervisor não se dirigiu até mim para ficar até tarde, mas como eu precisava, fui até ele e perguntei: “Serão até as duas?”, ele deu uma rápida olhada ao redor. Pude ler seus pensamentos em milésimos de segundos: “Qual atividade que eu vou dar a ele?”. Depois de alguns segundos ele respondeu “Pode fazer acessórios até às duas”. Então, coloquei meus fones de ouvido e cumpri com a minha atividade até às duas, como combinado.

Já no vestiário da empresa onde ia trocar meu uniforme, uma rápida câimbra nas pernas causando um pouco o meu retorno para casa. Tudo bem, a dor já tinha passado. Chegando na moto, ela simplesmente não queria pegar. Após muitas tentativas consegui fazer funcionar.



Eu ia seguir meu caminho tranquilamente, mas o alarme da moto começou a disparar, como se alguém estivesse brincando com o controle para desligar a moto. Sabemos que quando o alarme dispara, ele corta corrente impossibilitando a moto de andar por falta de energia. Três vezes foram o suficiente para perder a cabeça: mais uma e eu desligo na chave. Dito e feito, disparou mais uma vez. Parei a moto e desativei o alarme na chave com o código que ganhei quando foi instalado.

Problema resolvido, liguei a moto e parti para casa. Chegando na avenida Mauá, próximo das casinhas, perto do quebra mola, saiu um rapaz de trás do poste com uma espingarda falando “Perdeu, perdeu...”. Me assusto, mas não penso em parar a moto. Para passar o quebra mola, acelero mais ainda. Como a moto está leve por ter pouca gasolina, ela anda mais rápido ainda. O rapaz dá um passo para traz saindo da frente. Já em casa, analiso toda a situação ocorrida, tremendo que nem uma vara verde. Penso: “Ele podia ter atirado”.

Será que foi só uma mera coincidência ou um anjo me acompanhou o dia todo para a minha proteção, impossibilitando aquele rapaz de me atirar pelas costas?

Jeferson Ramos

SE UM DIA EU FALTAR

Se um dia eu faltar, me procure na imensidão das águas.
Na neblina de uma geada; ou num cálice de um bom vinho.
Numa noite fria e chuvosa.

Se um dia eu faltar, me procure na montanha alta,
numa noite de lua cheia.

Ao olhar para as estrelas, na mais brilhante vai me ver.
Se um dia eu faltar, me procure nas festas de fim de ano
Eu lhes abraçando e beijando na virada da meia noite
como se fosse a última vez.

Se um dia eu faltar,
me procure nos nossos álbuns de fotos e verão
Eu sorrindo feliz; brincando; dançando...

Alegre como eu sempre fui minha vida toda.

Porque, meus filhos, em toda minha vida eu,
Sua mãe, Suzete Luciana, sempre amei vocês

E verão que não precisarão me procurar tanto
Porque a cada canto e pelo resto de suas vidas

Eu sempre estarei com vocês.

Amo vocês, são e sempre serão minha razão de viver.

Homenagens para meus filhos Eduardo Junior, Maria Eduarda
e Gustavo Lima.

Suzete Luciana Cruz de Lima



UM NOVO COMEÇO

Lembro-me muito bem daquele março de 2013. O ano estava apenas começando, mas a batalha que eu teria que enfrentar seria longa, dolorida e cheia de incertezas.

Na noite do dia 16 de março, o pesadelo começou. Dei entrada no hospital de Sapucaia com fortes dores e sangramento. Depois de algumas transfusões de sangue e plaquetas, em dois dias de internação, veio a terrível suspeita, a tão temida e desconhecida leucemia. Em meio ao desespero e ao medo, recebi a notícia. Meu corpo estava muito debilitado e o meu sistema imunológico já não era capaz de me defender das mínimas infecções.

No dia 19 de março, recebi mais um golpe. O hospital não tinha condições para me tratar e para piorar, o médico que me tratava não havia conseguido transferência, pois não tinha leito disponível em nenhum hospital que seria capaz de tratar tal doença.

Então, minha esposa, meu irmão, minha cunhada e eu deixamos o hospital onde estávamos, pois permanecer ali seria fatal. Partimos numa busca implacável por um leito disponível em algum hospital da Capital. O primeiro hospital da nossa lista seria o Hospital de Clínicas de Porto Alegre, pois esse tinha o melhor tratamento e era referência no estado em doenças hematológicas.

Depois de muita procura e voltas pela cidade, pois não sabíamos como chegar ao hospital, finalmente quando o encontramos, descobrimos que realmente o hospital estava superlotado e não havia leito disponível. Meu corpo já dava sinais de piora e com febre de 40°C o tempo era nosso inimigo. O hospital teve que me internar, pois meu caso era grave e de extrema urgência.

Comecei a realizar uma bateria de exames. Como meu sistema imunológico estava muito debilitado, precisei passar uma noite de molho na UTI, mas no outro dia fui para o quarto.

Na manhã do dia seguinte veio a confirmação, eu tinha leucemia. Precisei iniciar imediatamente com as quimioterapias. Recebia altas doses de medicamentos e a cada 48 horas uma bolsa quimioterápica, de “brinde” vinha faltas de ar, náuseas, dores estomacais, falta de apetite, desnutrição, queda de cabelo, manchas pelo corpo e inchaço, tudo resultado da reação



Continua...

quimioterápica da fórmula principal do medicamento que combatia a doença.

Na primeira vez, fiquei 40 dias internado e emagreci 11 Kg, muito debilitado e desnutrido já não tinha mais forças. Dias esses que me senti perdido e sem coragem para continuar a batalha, porém sempre contei com o apoio e a fé da minha amada esposa, que sempre se fez presente em todos os momentos que buscávamos a cura.

Depois de três internações de muitas dores e náuseas, realizei um medulograma (Biopsia de Medula Óssea) que finalmente traria uma boa notícia. Minha medula óssea estava em remissão molecular e com isso veio a última alta médica, não precisaria voltar a internar.

Passei a realizar o tratamento no ambulatório: ia até lá, fazia a quimioterapia, consultava e retornava para casa, e assim foi durante dois anos e cinco meses.

Hoje estou bem e agradeço primeiramente a Deus pela nova oportunidade de continuar vivendo, em segundo à equipe médica do hospital de Clínicas, pelo excelente tratamento que lá recebi, assim como também a todos os amigos e familiares que sempre me apoiaram, em especial a minha parceira e companheira de todas as horas, minha esposa Marisa.

Paulo Cilas Antônio Batista



HISTÓRIA IMPROVISADA

Era uma vez, uma pessoa que tinha o péssimo hábito de procrastinar. Sempre acreditava que daria tempo de fazer todas as atividades previstas. Porém, como ia se responsabilizando por outros afazeres, assumia incumbências e pedidos de favores a pessoas amigas, às vezes até mesmo a pessoas que acabara de conhecer, pois tinha dificuldade de dizer “não”. Como tinha o bom costume de cumprir com tais compromissos, não raro acabava prejudicando a si mesma, pois nenhuma pessoa consegue ser “duas”, tampouco existe dia com 50 horas, como costuma brincar.

Por isso mesmo, não conseguiu terminar, ou melhor, recomençar a tarefa da matéria Português, mas teve a oportunidade de entregá-la no dia seguinte. Como dizem: “boa oportunidade não se deve perder”.

Parece mentira, mas quando estava terminando o tal trabalho, teve que prestar mais dois atendimentos. Um foi a entrega de medicamentos conseguidos a uma idosa junto à Farmácia Municipal, quando retirou seus próprios medicamentos. No outro atendimento, teve que esclarecer sobre o procedimento a tomar junto à Defensoria Pública, onde, por via judicial, conseguiu que lhe fosse fornecido outro medicamento, anteriormente negado pela Farmácia Estadual.

Mas, como pretende conseguir a nota que já julgava

perdida, vem efetivar a confecção do referido trabalho. Vale dizer que essa pessoa vem, através de acompanhamento psicológico, tentando melhorar alguns aspectos, incluindo essa dificuldade de dizer “não”. É verdade, porém, que até o presente momento não conseguiu êxito nessa problemática com o “não”. Nas raras vezes que consegue exercitar esse direito, acaba sentindo-se tão mal que preferia não tê-lo feito. Parece-lhe que o acúmulo de funções é menos dolorido do que o incômodo causado pela sensação de culpa.

Ela tem tido bastante dificuldade de concentração, o que dificulta bastante a execução dos trabalhos. Contudo, vem perseverando apesar do acúmulo de problemas que está enfrentando. O problema da memória recente é tão grande, que conseguiu perder a própria Carteira de Identidade em uma semana, conseguiu recuperá-la na consulta seguinte e novamente perder o documento dentro do Complexo Hospitalar Santa Casa, onde está fazendo os dois tratamentos em hospitais diferentes.

Quero esclarecer que ela pretende entregar o trabalho digitalizado em tempo hábil, embora precise finalizá-lo na escola, por não possuir computador em casa.

Elizabeth Ribeiro Machado

O PRIMEIRO DIA DE CURSINHO

Maria Helena veio do interior em busca de conhecimentos e de uma vida melhor. Assim que chegou à cidade, se matriculou em um famoso cursinho, desses que preparam os alunos para os exames vestibulares.

Logo no primeiro dia de aula, depois de subir os seis lances de escadas que a conduziam a sua classe de duzentos e quarenta alunos, entrou na sala espantada com a quantidade de colegas. Assistiu às aulas que os professores deram com o auxílio de microfones.

Quando bateu o sinal do intervalo, tentou encontrar a lanchonete que ficava no térreo. Maria Helena então começou a descer os seis lances escadas, das outras quinze salas de aula existentes em cada andar. Sentia-se como uma torcedora saindo do Morumbi depois de um clássico.

Após algum tempo, chegou ao térreo e lá avistou uma aglomeração comparável ao público que comparecia aos comícios das “Direitas”. Olhou para todos os lados e não viu lanchonete alguma.

Pouco tempo depois, descobriu que a lanchonete era lá mesmo, mas não dava para ver a caixa registradora. Situada há alguns metros dela, de tanta gente que havia. Ela já estava na fila da caixa e não sabia.

Lucas dos Santos Bomfim



MEU ANJO. MINHA INSPIRAÇÃO

Nasci no ano de 1979 e, por circunstâncias da vida, não conheci meus avós biológicos (paternos). Aos dois anos de idade fui presenteadada com a vó de coração, minha vó Gessi. Cresci admirando essa mulher que era muito guerreira, forte, determinada, feliz e com uma capacidade enorme de amar e ser amada por todos que a conheciam.

Minha vó teve paralisia infantil quando ainda era muito criança. Seus pais, na época com poucos recursos e outros filhos pequenos, optaram por deixá-la em uma escola especial. Ela passou a infância nesse local, mas aos finais de semana ela passava com a família em casa. Na adolescência, como não precisava mais de tantos cuidados especiais, seus pais a levaram definitivamente para casa. Aos 16 anos, ela conheceu meu avô. Ela era uma menina linda e sorridente, ele não resistiu e se apaixonou. Logo casaram-se e tiveram dois filhos. Mesmo com a deficiência física que possuía, nunca deixou de acreditar em seus sonhos que era casar, ter filhos e netos.

Durante minha infância, lembro de ver minha vó, que só podia andar com auxílio de muletas, cuidando de todos os seus afazeres domésticos. Carregava um banquinho de madeira de um lado para o outro e lá sentava-se em frente à pia ou ao fogão para cozinhar, colocava o banquinho em frente ao tanque e lavava as roupas. Mesmo eu sendo muito criança, lembro que ela fazia tudo isso sorrindo e muito feliz.

Eu tenho a história de vida da minha vó como o maior exemplo de vida que já tive. Aprendi que mesmo que haja pedras no caminho, podemos alcançar nossos objetivos. As dificuldades nos tornam fortes, são lições para toda vida. Às vezes desanimo, mas quando me lembro daquele sorriso iluminado, é nele que busco força para superar meus desafios.

Hoje ela não está mais entre nós, mas onde ela estiver, ela sabe do orgulho que tenho dos ensinamentos que me passou e agradeço eternamente a Deus por ter me dado esse anjo de presente.

Tatiane Rios de Souza



O SORRISO DE UMA CRIANÇA

Tudo começou quando uma menina ia para a igreja só por causa da escolinha. A menina admirava muito a professora, imaginava que um dia se tornaria uma.

Passaram-se anos, a menina tornou-se uma moça e saiu da igreja, mas quando ela completou quinze anos, retornou.

Cinco anos depois, o Pastor convidou-a para ser professora da escolinha da igreja. Ela, com os olhos cheios de lágrimas e tremendo muito, respondeu: “Claro que sim, Pastor”. Um sonho vira realidade para aquela jovem.

O dia tão esperado chegou, a primeira vez que ela iria interagir com as crianças, e era bem em uma noite de pijama.

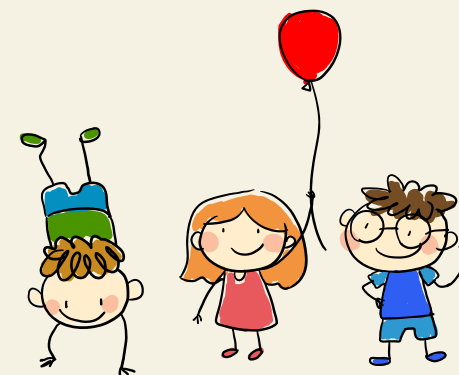
As crianças começaram a chegar, a jovem e as outras professoras começaram a preparar as crianças para a apresentação à igreja. As meninas estavam vestidas de florzinhas e os meninos de soldadinhos. A apresentação foi um sucesso.

As crianças estavam muito felizes e quando elas desceram do palco, as outras professoras já tinham uma surpresa, elas iriam desvendar o mistério de um mapa do tesouro. Aagaram-se as luzes e elas, com suas lanternas, corriam de um lado para outro, até que enfim o mistério foi desvendado dentro da sala. Ela estava toda decorada e bem no meio estava um baú enorme, as crianças começaram a abrir o baú, e enfim acharam o tão esperado tesouro: doces.

Nesse dia, as professoras descobriram que não deve se dar doces para crianças antes de dormir, porque dormir não existiu naquele dia.

A jovem então descobriu que ela queria trabalhar com crianças para resto de sua vida.

Amanda Silva Queiroz



O SONHO QUE CUIDAMOS

Como não sorrir quando a vida te entrega o presente mais brilhante e contagiante de todas as criaturas? Assim ela chegou em uma surpresa que desejávamos ser eterna pela sua alegria, seu jeito empolgante de ser, tornando tudo tão simples e amoroso em nosso redor. Desejamos que o brilho naqueles olhos nunca apagassem a sua luz nos nossos mundos.

Ela nos deixou com todas as recordações mais felizes que viveu, com tantos planos e sonhos que mal cabia no coração a vontade e o desejo de realizá-los. Sentir o seu amor transbordando pelo mundo, dividindo com todos a vontade de viver, sem pensar que existiria um fim, vivendo intensamente e sonhando incansavelmente.

Seu nome? Mariana do Espírito Santo. Sonhadora, vivendo sem medo do amanhã ou da agressividade que o futuro misterioso e cruel esperava por ela. Tinha apenas um sonho para se realizar: ter um pedaço dela no mundo, ser mãe. As tentativas sempre davam erradas porque tudo tem o seu momento de dar certo.

Depois de encontrar alguém que ela amasse intensamente e pudesse dividir seus desejos, casou-se com quem fizesse feliz o seu mundo. Com o passar de alguns meses do amor flutuante dos dois, todos ficamos na expectativa até que veio a tão esperada notícia de sua gravidez. Seu coração pulava de

tanta alegria, transbordando amor por esse ser tão pequeno dentro dela. Durante os nove meses, a emoção e felicidade andavam juntas: planejamentos, compras, dedicação, cuidado... ela preparou e cuidou de cada detalhe.

Em cada decoração, em cada objeto um significado para esperar o seu maior sonho, a Eduarda. Ela sonhava e imaginava o dia de arrumar o cabelinho da Eduarda, de colocar diversos vestidos e de quando ela crescesse e fosse descobrindo as coisas sozinha. Cada descoberta seria uma aventura sem fim. Sua mãe estava ali para segurar sua mão e dizer para ela não ter medo.

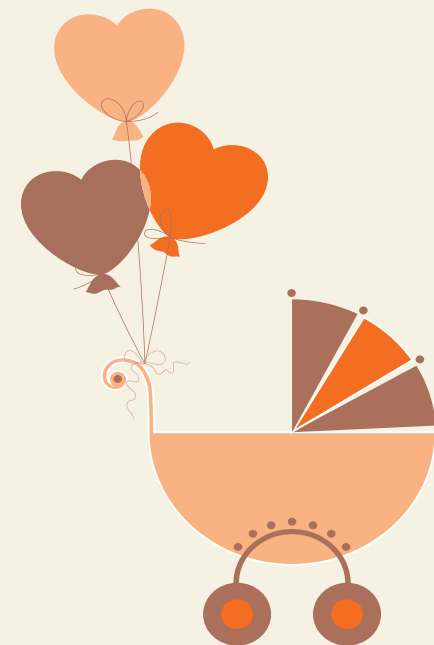
O dia do nascimento de Eduarda chegou: dia 23/07/2012. Com ela nasceu todo o amor, alegria, descobrimento, emoções, nasceu a luz para nosso caminho. Mariana era a mais nova mãe, a pessoa mais realizada e agradecida por Deus permitir que tudo acontecesse com tanta perfeição e amor. Aqueles primeiros dias foram vividos com tanta intensidade como se fossem os últimos, cada minuto um sorriso naquela nova mãe com o amor mais raro do mundo em seus braços.

Mas diante de tanta alegria, o futuro reservou surpresas inexplicáveis para todos. Depois de nove dias do nascimento de Eduarda, simplesmente Mariana adormeceu sem avisar. Adormeceu para nunca mais acordar, deixando todos sem reação e com saudades imensas.

Deus a levou sem sabermos, nossos corações sangraram ao ver aquela estrela se apagar tão repentinamente, nos deixando o seu sonho para amarmos da mesma forma que ela nos ensinou a amar. No dia da tristeza, olhamos para o seu fruto e sorrimos, pois ela é a alegria e a razão para darmos continuidade, tão bela quanto sua mãe.

Mariana deixou sua marca no mundo, fez história e nunca será esquecida por quem teve o privilégio de conhecer a pessoa mais contagiante que existiu. Seu sorriso, seu amor e seus contos não tem como esquecer, você foi raridade. Mariana: amiga, filha, irmã, esposa e mãe.

Jacqueline Fátima Alves da Silva Freitas



MEU SEGUNDO FILHO. MIGUEL

Quando descobri que estava grávida pela segunda vez foi um susto, pois não estava esperando. Lembro que estava trabalhando e meu colega passou por mim e falou: “Você está grávida” e eu disse “Não, você está louco?”. Mas, fiquei com a pulga atrás da orelha e fui fazer o teste de gravidez. Para minha surpresa deu positivo.

Não sabia se ficava feliz ou triste porque não era a hora certa. A minha gravidez foi bem complicada, pois eu estava com ameaça de aborto. Fiquei quinze dias em casa sem poder



fazer nada, depois voltei ao trabalho, mas fiquei com todo cuidado pois meu trabalho era bem pesado.

Quando estava de 33 semanas estourou a bolsa e o Miguel veio ao mundo para a nossa alegria, só que no mesmo instante, ele estava com o pulmão fraco e teve que ficar na UTI por 15 dias. Mesmo assim, fomos fortes o bastante para dar toda força e carinho para o nosso bebê Miguel.

Ele veio para casa e ficou bem até que com 11 meses nos deu outro susto, teve febre alta vários dias. Levei em vários médicos no convênio. Um dizia que era dor de ouvido, outro dizia que era infecção de garganta, mas ele nunca melhorava. Então levei ele no hospital e um médico muito atencioso resolveu fazer o exame da meningite: na mesma hora internou ele e levou para o isolamento. Foram os piores dias da nossas vidas, foi muito horrível ver um filho nessa situação.

Graças a Deus ele reagiu bem ao tratamento e saiu do hospital depois de vários dias no isolamento. Ele saiu dois dias antes do aniversário dele. Já tínhamos tudo pronto para a festa, várias pessoas acharam que não deveríamos comemorar, mas nós tínhamos que comemorar a vida do meu filho depois de tudo que ele passou. Foi muito linda a festa do Miguel e ele estava muito feliz.

Danila Bitelo Cardoso

VIDA!

Como se explicar esse enigma? A vida é tão bela, dádiva de Deus. Saber trilhar os caminhos não é fácil, mas aprendemos conforme o caminhar. Alguns obstáculos com pedras, outros mais floridos. As consequências vêm das escolhas feitas por nós.

E o que dizer sobre a experiência de ver uma vida chegando ao mundo, presenciar isto? Tive o prazer de ver minha sobrinha, Evelyn, nascendo. É inexplicável a sensação. Nunca vou esquecer o que vi. Um momento emocionante, nós mulheres temos esse privilégio de gerar quantas vidas quisermos gerar. Essa vontade de ser mãe floriu muito mais depois do nascimento.

Nos dias de hoje, as pessoas acreditam muito pouco no amor. Penso que quando eu resolver ter meus filhos vai ser com a pessoa que eu escolher passar o resto da minha vida. Eu vou saber quando essa hora chegar!!!

Agradeço a Deus pela mãe maravilhosa que tive. Parabéns a nós mulheres.

Jéssica Luana Terra Siste



O VESTIDO AZUL

Era um dia comum como a maioria, dia de reunião na escola do meu filho mais velho. Ao final das atividades, todos os pais presentes receberam uma folha branca, nela havia uma mensagem.

O texto começa assim “Num bairro pobre de uma cidade distante, morava uma garotinha muito bonita, que frequentava a escola local. Sua mãe não era muito cuidadosa e a criança quase sempre se apresentava suja e mal vestida.

Seu professor a observava, sentindo-se inconformado com o estado da bela menina. Um dia ele resolveu separar algum dinheiro do pouco que ganhava... Foi a uma loja, comprou um vestido e presenteou a menina. Logo, a mãe percebeu que seria lamentável que sua filha, com aquele traje novo, andasse tão suja e descuidada. Por isso, passou a lhe dar banho todos os dias, pentear seus cabelos e cortar suas unhas.

O pai, notando a transformação, achou que seria uma vergonha sua filha tão bonita e bem arrumada morar em um lugar como aquele, caindo aos pedaços. Combinou com a mulher que, além deles mesmos se arrumarem melhor, também iriam ajear a casa. Logo, a casa passou a se destacar pela beleza das flores que enchem o jardim e pelo cuidado em todos os detalhes. Sentindo-se envergonhados, os vizinhos resolveram arrumar suas casas. Depois de um tempo, todas as casas estavam transformadas.

O prefeito entusiasmado resolveu, enfim, dar início as obras tão necessárias. Ruas foram asfaltadas, o esgoto canalizado... E pouco a pouco, o bairro tornou-se um local digno para se viver. E pensar que tudo começou com um vestido azul.”

Claro que não era a intenção daquele professor consertar todo um bairro. Ele apenas fez o primeiro movimento, que acabou levando outras pessoas a se movimentarem e lutarem por melhorias.

E nós? Será que cada um está fazendo a sua parte? Sabemos que é difícil realizar mudanças, que é difícil reconstruir o planeta, ou até mesmo transformar um bairro... Mas é possível “dar um vestido azul!”.

Guardo essa mensagem comigo há 11 anos e acredito que um simples gesto pode fazer uma grande diferença na vida de todos nós.

Michele Borges Spadotto



A MUDANÇA

Vou contar uma parte da minha vida que foi muito importante para mim. Nasci e cresci em uma cidade pequena do interior chamada Cacequi, distante 400 Km de Porto Alegre. Com trinta e um anos encontrei a pessoa com quem comecei namorar. As coisas aconteceram muito rápido. Logo fiquei grávida e fomos morar juntos. Ele já era separado do primeiro casamento e tinha três filhos.

Tive minha filha e as coisas foram ficando difíceis. Meu marido trabalhava na construção civil como autônomo. Como a cidade é muito pequena, tinha pouca construção e, conseqüentemente, pouco serviço. Já não dava para nos sustentar, estávamos passando por um momento muito ruim financeiramente.

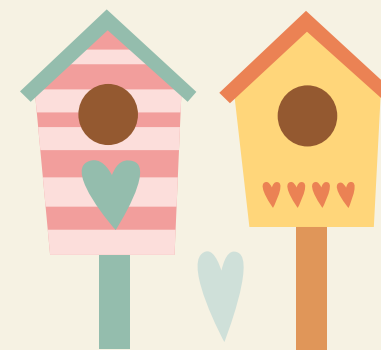
Foi então que decidimos nos mudar para Sapucaia do Sul, onde tínhamos parentes morando: ele uma irmã e eu tia e primos. Viemos no final de maio de 2002, em plena copa do mundo, quando o Brasil foi pentacampeão de futebol. Minha filha tinha apenas um ano e dez meses. Ainda um bebê, passamos por muitas dificuldades. Mas o importante é que ainda estamos juntos, lutando por uma vida melhor.

Voltei a estudar com esperança de ter uma formação e assim melhorar ainda mais a nossa vida. Estou com quarenta e sete anos. Minha filha faz quinze anos e é nosso orgulho!

Logo vamos nos mudar para o nosso apartamento que vai ficar pronto em breve. É nossa primeira casa própria.

Resolvi contar essa história porque a vida é assim: estamos sempre mudando. Mudando de cidade, de vida, de casa. Enfim, a vida é uma eterna mutação.

Rosângela Morales



LAÇOS DE FAMÍLIA

Minha família era composta por quatro pessoas, sendo meus pais, minha filha e eu. Sempre fomos muito unidos. Meu pai gostava muito de fazer o tradicional churrasco no domingo ou em datas comemorativas, quando reunimos toda a família: tios, tias e primos. Acontece que na minha família todos possuem os princípios fundamentais para o respeito e integridade de tudo e todos. Além disso nós sentimos um amor incondicional uns pelos outros.

Tudo ia bem até o ano de 2010, quando meu pai foi diagnosticado com câncer. Ele passou por todas as etapas que existiam para o tratamento e vários procedimentos cirúrgicos. Nós passamos três meses no hospital em Porto Alegre, onde o médico nos informou que ele estava perdendo a batalha contra a doença e tinha pouco tempo de vida.

Para ele poder vir para casa passar os seus últimos dias conosco, minha mãe e eu transformamos meu quarto para podermos recebê-lo. Ele passou em companhia de familiares e foi capaz de reunir a família.

Recebemos ajuda de todos com muito carinho, uns nos ajudaram com apoio financeiro, outros largaram suas casas e filhos para ficar conosco, outros ainda com palavras e orações de conforto. Mas hoje, depois de quase quatro anos, quero falar de coisas boas e agradecer a todos que estiveram comigo e com minha mãe e minha filha nesse momento difícil.

Eu gostaria de agradecer meus pais porque apesar das dificuldades enfrentadas que tiveram para me criar, sempre estiveram ao meu lado e sempre me ajudaram na criação da minha filha, tanto financeiramente, como com educação e afeto.

Principalmente minha mãe Ivone porque ensinou-me o que era certo e errado, me ensinou a respeitar, cuidar e honrar minha palavra. Fiz minha parte da melhor maneira possível, pois quando ela enfartou, cuidei dela assim como ela sempre cuidou de mim. Agradeço a Deus, a minha filha Karoline, ela é maravilhosa, pois me incentiva nos estudos e me ajuda nos trabalhos escolares.

Penso que temos que dar valor às pessoas porque a vida é única e passageira. Não adianta querer recuperar o tempo perdido, pois ele jamais voltará. Hoje rezo por meu pai e peço a Deus que lhe dê paz e tranquilidade, porque sei que um dia vamos nos encontrar novamente e ai sim, viver a eternidade juntos.

Pai, te amarei onde estiver!



Scheila da Luz

MEU PRIMEIRO DIA DE ESCOLA

Meu primeiro dia de aula. Que sensação! Levantei bem mais cedo do que precisava. Vesti a melhor roupa, calça azul e camiseta branca. Escovei os dentes e arrumei os cabelos. Ao sair de casa, me perguntei: O que se aprende na escola? Aprende-se a ler, escrever e o que mais? Agora eu ia poder escrever cartas para os meus primos de longe, ler as receitas de bolo da minha mãe. Quando eu ficasse grande, ia até poder escrever um livro.

Foi uma viagem longa até a escola. Duas ou três horas, que não acabavam mais! Que pressa eu tinha de chegar na escola! Minha mãe foi junto comigo, que ao longo do caminho se juntou com outras mães e também outras crianças. Fomos calados. Todos com nossos pensamentos. Andávamos rápido, quase correndo. E a escola parecia ter fugido!

A professora, que mulher linda! Entramos todos. Sentei na primeira fila. Logo entrou a professora que nos deu um saudoso bom dia, muito animado. Depois que todos deram bom dia, a professora disse: “Agora, nós vamos começar com uma brincadeira”, o que nos deixou mais à vontade. “Cada um pega uma folha de papel e faz um desenho que demonstre o que você quer aprender na escola”. Alguns desenharam os números que já sabiam e outros as letras dos seus nomes. Eu desenhei uma carta, pois esse era o meu maior objetivo: aprender a escrever cartas para os parentes distantes.

A partir daquele dia eu aprendi o valor que a escola tem em nossa vida. Através da escola, podemos nos comunicar com o mundo inteiro e depois que aprendi a escrever e ler, eu nunca mais parei de escrever cartas para os meus amigos e familiares distantes.

Hoje escrevo e-mail como meio de comunicação aos meus amigos. Pensando nisso, que tal trocarmos o e-mail? O meu endereço é deboraregina50@gmail.com.

Débora Regina Loureiro



UM DESPERTAR PARA NOVOS HORIZONTES

Resolvi voltar a estudar e a trabalhar quando decidi dar um novo sentido pra minha vida e mostrar pra mim mesma que sou capaz e que nunca é tarde para corrermos atrás de nossos sonhos e ideais de vida. Ao começar a estudar, vi que tudo era mais fácil do que eu pensava, pois a escola me passou conhecimentos e uma certeza de que, através dela, poderei ir muito além e lá na frente sair vitoriosa.

Passei muito tempo da minha vida achando que somente aquilo que vivia era o bastante, pois não percebia que poderia ousar e ir mais longe. Vivía naquela vida de dona de casa, mãe e esposa. Não que isso não seja importante, mas pelos meus filhos, achei que eles mereciam bem mais de mim. Não mencionei o meu companheiro, pois ele sempre achou que para mim, ser dona de casa era o suficiente. Ele não se preocupava com meus sonhos e objetivos de vida, achava que eu era feliz e tranquila com a vida que me oferecia.

Quando resolvi dar o primeiro passo, sabia que minha vida passaria a ser um inferno, mas nem isso fez com que eu voltasse atrás. O bom é que sempre tive o apoio de meus filhos e de minha família. Isso me dava força para ir traçar novas metas para alcançar meus objetivos de vida. Hoje ainda persisto e não penso em desistir, sempre quero mais e mais. Desejo que através desse meu esforço possa ter um bom retorno, que me

traga uma vida melhor e que possa passar para outras pessoas que me cercam uma segurança e certeza de que tudo o que deseja, é só erguer a cabeça e ir em frente.

Suponho que todos têm um objetivo na vida e que muitos não vão atrás por motivos que às vezes são tão pequenos que não vale a pena ficar amarrados a eles. Basta apenas despertar para a vida e ver que você é capaz de traçar metas e alcançá-las. Vale a pena, assim como está valendo pra mim.

Marcia Regis Avelino Rios



AS BOTINHAS VERMELHAS DO TIO MÁRCIO

Quando criança, costumava brincar nos campos perto da casa de meus avós com meus irmãos e primos, às vezes até os vizinhos. Adorávamos correr pelos campos, com sol ou chuva, e até nas noites de lua cheia podíamos brincar até mais tarde. Mas o que mais eu gostava eram as botinhas vermelhas do tio Márcio.

Tio Márcio era quase da mesma idade de todos nós. Como a família dele tinha um pouco mais de condições, ele era o único que tinha botinhas. Entre elas, um par de botinhas vermelhas e por sermos quase todos da mesma idade, as botinhas serviam para todos.

Ele, sempre muito generoso, emprestava as botinhas vermelhas, às vezes para um e outro de nós, e nós corríamos pelos campos com as botinhas vermelhas do tio Márcio.

Mas como nem tudo sempre é alegria, tio Márcio teve sarampo e morreu. E qual a preocupação de nós, crianças inocentes? As botinhas vermelhas do tio Márcio, com quem ficaria? Tio Márcio iria precisar das botinhas lá no céu?

Entre nós confabulávamos, até chegar à chácara onde ele estava sendo velado. E eis que, para nossa tristeza maior,

ele estava com as botinhas vermelhas e as levou para o céu. Até hoje me lembro das botinhas vermelhas do tio Márcio, espero que ele tenha aproveitado bem as botinhas em sua nova morada.

Maria de Lourdes Borges Spadotto



DA ESCOLA AO PASSADO

Meu passado, hoje é muito presente. Estou em um momento de felicidade, pois lembro todos os dias da minha infância com saudade, eu e meus sete irmãos.

Fomos imensamente felizes, pois tínhamos saúde, criatividade e muito gás para gastar. E mais ainda, viajavamos de trem junto com meus Pais. Meu Pai era ferroviário e minha Mãe dona de casa, aquela mulher Mãe Aurélia, cozinhava nas panelas de ferro no fogão a lenha.

Nossas verduras e legumes eram todas da nossa horta. Tínhamos uma vaca enorme amarela que se chamava “Mansinha”, a cabrita “Ita”, o cachorro “Tupi”, um vira-lata que morreu de velho que só faltava falar, e a gatinha três pelos (amarelo, branca e preta), chamada “Mimososa”. Também morava no barranco atrás do tanque no fundo do pátio o sapo Cururu. Pensa num sapo grande e carijó, só saía de noite da toca, para se alimentar. Tínhamos galo, galinhas e angolista.

Eu estou cantando uma parte da minha vida porque são excelentes lembranças. Eu viveria tudo outra vez, pois mesmo minha família sendo pobre, nunca faltou alimento. Meu Pai trabalhava muito abrindo matas para construir a estrada férrea, depois passou a ser ferreiro, e então ficou mais próximo de casa em Camobi, hoje uma cidade.

Mas apesar desta família maravilhosa e grande, eu nunca tive um cavalo pra chamar de meu. Sempre montei no cavalo

da minha Vó, Zurilho manso e já devagar. Montava no cavalo do meu Tio padrinho, o Alazão lindo, cor de canela. Era meu cavalo troteador, seu rabo arrastava no chão e era só levantar as rédeas e ele saía exuberante troteando. Éramos os donos da estrada. Tinha o cavalo petiço que era o mais novo e o dono era peão da minha Avó o Ataliba. Na época eu já tinha doze anos e três anos seguidos eu pegava o cavalinho emprestado sem o dono saber, é claro, porque ele me chamava de mata cavalos.

Todos os dias enquanto o peão descansava no galpão ou embaixo do cinamomo em cima de um pelego, eu pegava somente um bacherio e chamava a “brigada”: meus primos e irmãs, uns oito mais ou menos, e íamos até o pasto onde o cavalinho estava descansando. Eu levava folhas de cenoura, as crianças cercavam ele para ele não fugir. Eu colocava o freio na boca dele, então era só festa, eu levava cada um deles para passear a trote na minha garupa. Isto tudo na fazenda, na casa da Vó Ernestina.

A gente passava três meses de férias maravilhosas no interior de Santa Maria, no distrito de Sampaio.

Eu gosto muito de cavalo, seria o meu animal de estimação se morasse em um sítio. Sempre que posso, eu alugo um cavalo para participar de cavalgada em Sapucaia. Quando vou visitar amigos que tem cavalo do Piquete não saio de lá sem dar uma voltinha.

Zenir Figueira de Brum

HISTÓRIAS

que merecem ser contadas

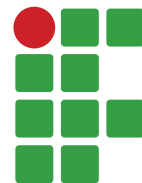


*Amanda Silva Queiroz
Bruna Emeli Corrêa
Claudia Pereira da Fonseca
Cristina Azevedo Pereira
Danila Bitelo Cardoso
Débora Regina Loureiro
Elizabeth Ribeiro Machado
Fátima Eliane da Costa
Gilnei Rodrigues
Jacqueline Fátima Alves da Silva Freitas
Jéferson Ramos
Jéssica Luana Terra Siste
Lucas dos Santos Bomfim*

*Luciana Cardoso da Silva
Marcia Regis Avelino Rios
Maria de Lourdes Borges Spadotto
Michele Borges Spadotto
Paulo Cilas Antonio Batista
Rosângela Quines Morales
Scheila da Luz
Suzete Luciana Cruz de Lima
Tatiana Lemes Duarte
Tatiane Rios de Souza
Zenir Figueira de Brum
Professora Suzana Trevisan*



Curso Técnico em
Administração



INSTITUTO FEDERAL
Sul-rio-grandense
Campus Sapucaia do Sul